

A esperança e a aliança a partir do paradigma da criação no itinerário do povo de Deus

Hope and covenant from the paradigm of creation in the journey of the people of God

Rita Maria Gomes
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) - Brasil

Resumo

Este escrito tem por objetivo a compreensão do lugar ocupado pela esperança no itinerário do povo de Deus, movido pela espera do cumprimento das promessas de Deus atestadas nos relatos de aliança. O método utilizado é a análise literária do próprio texto bíblico e de comentários bíblicos sobre o tema. Para tal intuito, exige-se metodologicamente uma avaliação prévia do vocabulário e do campo semântico utilizado pela Escritura para se referir ao tema da esperança. Os passos incluem o levantamento dos termos utilizados para referir-se à esperança, o alargamento dessa compreensão etimológica com a ponderação do campo semântico da esperança e a reflexão sobre o itinerário do povo de Deus movido pela esperança. Portanto, a análise etimológica é enriquecida pela análise teológica de alguns eventos-chave na vida do povo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Esse percurso leva à percepção de que há uma noção eclesiológica que ultrapassa os limites do Israel histórico e da comunidade primitiva, alcançando uma universalidade do povo de Deus. Esta noção tem seu fundamento na nova aliança, mais ampla e definitiva, estabelecida em Cristo, que desemboca na urgência de uma conscientização acerca da ecologia integral.

Abstract

The purpose of this paper is to understand the place occupied by hope in the journey of the people of God, driven by the expectation of the fulfillment of God's promises attested in the covenant accounts. The method used for this purpose is the literary analysis of the biblical text itself and of biblical commentaries on the subject. To this end, a prior methodological assessment of the vocabulary and semantic field used by Scripture to refer to the theme of hope is required. The steps to follow are survey of the terms used to refer to hope, broadening this etymological understanding by considering the semantic field of hope, and reflecting on the journey of the people of God driven by hope. Therefore, the etymological analysis is enriched by the theological analysis of some key events in the life of the people, in the Old and New Testaments. This path leads to the perception that there is an ecclesiological notion that goes beyond the limits of historical Israel and the primitive community, reaching a universality of the people of God. This notion is based on the new, broader and more definitive covenant based on Christ, which leads to the urgent need to raise awareness of integral ecology.

Palavras-chave

Aliança.
Fé.
Promessa.
Criação.
Ecologia.

Keywords

Covenant.
Faith.
Promise.
Creation.
Ecology.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre uma característica básica do povo de Deus: a esperança. Adverte-se, porém, que neste estudo a categoria “povo de Deus” é tomada em sentido amplo. Aqui, essa categoria abarca o povo do Israel bíblico, os cristãos das primeiras comunidades e os cristãos atuais e os judeus, pois continuam sendo o povo de Deus da antiga aliança. Destarte, a questão tem um fundo eclesiológico muito importante. Nesta reflexão, não se entra na discussão sobre se os cristãos substituíram o antigo Israel como novo povo de Deus. Parte-se da compreensão de que com o grupo dos doze discípulos o antigo povo de Deus se alarga e se renova.

O caráter eclesiológico do qual se fala vai ganhar sentido na análise dos relatos de aliança, sobretudo, na releitura que a própria Escritura faz ao falar de uma “nova aliança”, presente tanto no Antigo Testamento (Jr 31,31) quanto no Novo Testamento (Hb 8,8). O paradigma da criação presente em Jr 31,27, vinculado com a releitura neotestamentária, fornece os fundamentos para algo bastante atual no papado de Francisco: ecologia integral (Francisco, 2015, LS n. 10). Mas, antes de abordar a releitura de Hebreus e o discurso do Papa, é necessário fazer o caminho para que se compreenda tanto a esperança quanto seu ancoradouro: a aliança.

A esperança: análise etimológica

Neste ponto, parte-se do texto grego da Septuaginta para analisar o conceito bíblico de esperança. A escolha desse ponto de partida justifica-se pelo uso que o Novo Testamento fez do conceito de “esperança”. A versão grega, do Antigo Testamento, utiliza normalmente o verbo ἐλπίζω e o substantivo ἐλπίς¹ para designar a esperança. O verbo e, conseqüentemente, o substantivo dele derivado, correspondem, em grande medida, à raiz hebraica קָוָה que significa “esperar”.

¹ Por uma questão de precisão, tanto os termos gregos quanto hebraicos, serão usados na língua original a primeira vez que forem citados e transliterados nas ocorrências subsequentes se não forem citações diretas.

O verbo *elpizō* aparece 148 vezes em 144 versículos e 41 formas diferentes na Escritura. Desses usos, apenas 31 se encontram no Novo Testamento e, destes, apenas 4 se encontram nos Evangelhos, com exceção de Marcos, que não o atesta (Balz; Schneider, 1996, col. 1337). Já o substantivo *elpís* aparece 170 vezes em 160 versículos e em 8 formas distintas. Desses usos, apenas 53 estão no Novo Testamento, sem nenhuma ocorrência nos Evangelhos, encontrando-se apenas em Atos e no epistolário neotestamentário (BibleWorks, 2006).

Com esse levantamento, podemos inferir que a esperança está mais presente na avaliação dos autores veterotestamentários do que nos neotestamentários. Isso suscita algumas questões: por que o substantivo usado para designar a esperança não aparece nos Evangelhos? Por que é tão presente no Antigo Testamento e no epistolário, sobretudo o paulino? Há uma real ausência do tema ou os autores sagrados neotestamentários usaram outros termos para se referir ao mesmo assunto? São muitas as questões que surgem, e espera-se ao menos ter respostas para algumas delas.

Quanto ao conceito religioso por trás desses termos, é possível dizer que “tanto ἐλπίζω quanto ἐλπίς, juntamente com os compostos, que só aparecem - cada um deles em um lugar, ἀπελπίζω (Lc 6,35) e προελπίζω (Ef 1, 12), devem definir-se principalmente como o ato ou atitude da esperança” (Mayer, 1996, col. 1338). Importa destacar que, nesse verbete de um destacado dicionário de grego bíblico, somente os usos neotestamentários dos termos são considerados, passando em completo silêncio os usos do Antigo Testamento, mesmo estando nele a maior parte dos usos do referido termo.

Observam-se três aspectos associados ao verbo e ao substantivo: o objeto da esperança, o sujeito da esperança e aqueles que esperam. O primeiro aspecto é encontrado apenas no *Corpus Paulinum*; o segundo, “Sujeito da esperança são principalmente a comunidade cristã ou os cristãos em particular e Paulo em sua atividade missionária” (Mayer, 1996, col. 1338). No terceiro aspecto, encontra-se, possivelmente, o elo com a esperança no Antigo Testamento, pois Mayer diz:

Os que esperam são também: Cristo (At 2,26), o povo das doze tribos (At 26,7), os judeus (Jo 5,45; At 24,15), os gentios (Mt

12,21; Rm 15,12), Abraão (Rm 4,18), os discípulos de Emaús (Lc 24,21), “as santas mulheres (1Pd 3,5), toda a criação (Rm 8,20) (Mayer, 1996, col. 1338).

Nesse último ponto, observa-se que, mesmo referindo-se a personagens veterotestamentários, Mayer parte da releitura neotestamentária; ou seja, trata-se já de uma leitura cristã da esperança. Isso deixa o espaço para a busca da “esperança” no Antigo Testamento e seu principal significado, que pode vir a ser o mesmo do Novo Testamento.

Em muitos textos nos quais a Septuaginta usa o termo *elpís*, as traduções ao vernáculo trazem expressões como “refúgio, abrigo, seguro etc”. Um exemplo disso é o Sl 13,6 (14,6), traduzido para a língua portuguesa como “refúgio”. Isso ocorre porque a LXX traduziu vários verbos hebraicos e substantivos deles derivados por *elpizō* e *elpís*. Entre os termos hebraicos, destacam-se os oriundos das raízes *qwh*, já citado anteriormente, e עָהַל.

A raiz *qwh*, nos modos *qal* e *piel*, significa “esperar”, mas no modo *niphal*, significa “juntado, coletado”. Com isso, sabe-se que das 50 ocorrências do verbo na Bíblia Hebraica, 2 tem esse segundo sentido. Há ainda outro uso importante dessa raiz e que forma o termo קָוָה [*qaweh*] que significa “fio, linha”. É esse o caso 1Rs 7,23; Jr 31,39; Zc 1,16 (Bibleworks, 2006). Essa raiz aparece raramente na literatura histórica e narrativa, com algumas exceções, tais como: Gn 1,9; 49,18; 1Rs 7,23 (linha, fio); 1Rs 10,28(2x); 1Cr 29,15; 2Cr 1,16(2x); Esd 10,2 (cf. Siqueira, [s. d.]; BibleWorks, 2006).

Os termos derivados da raiz *qwh*, significativos nesta reflexão, são: “*miqweh* (Jr 14,8; 17,13; 50,7) e *tiqwah* (Sl 71.5; 9.19; 62.6; Jr 31.17) e significam esperar, aguardar ansiosamente (Is 40,31; 49,23; Sl 25,3; 37,9; 69,7)” (Siqueira, [s. d.]). O termo *tiqwah* aparece 36 vezes em 35 versículos e 9 formas diferentes; já o vocábulo *miqweh* aparece 9 vezes em 9 versículos e 4 formas.

A raiz *qwh* pode ser compreendida a partir de dois aspectos fundamentais: o uso no sentido comum, que pode ser chamado de secular, e o uso específico em relação a Deus, que pode ser nomeado de teológico (cf. Siqueira, [s. d.]). O uso secular, para usar a nomenclatura de Siqueira, é o esperar pela chuva, por uma boa colheita, por alguém que está para chegar

etc. O uso teológico tem Deus ou sua ação por objeto da espera. Esperar que Deus aja em favor do povo de forma confiante e ansiosa.

Com o mesmo sentido do termo *tiqwah*, temos o substantivo תְּהִלָּה [*tohelet*], da raiz 'chl (Siqueira, [s. d.]). Nesse caso específico, é interessante a retomada das hipóteses para o sentido dessa raiz. Siqueira apresenta duas possibilidades: uma que remonta à ideia de força e poder e outra que remonta à ideia de aflição porque a raiz serve de base para indicar as dores de parto. Sabe-se que, na Bíblia, essa é uma imagem comum para falar dos momentos de aflição. Assim, independente da correção ou não de uma ou das duas hipóteses, os textos bíblicos justificam essas explicações.

Resumindo esse ponto, não é possível apreender o sentido da esperança na Bíblia partindo apenas do texto grego, devido à “simplificação” do vocabulário que a Septuaginta realizou ao reunir várias raízes hebraicas e seus derivados no verbo *elpizō* e em seu substantivo *elpís*. A consideração de ao menos duas raízes hebraicas ajuda bastante para a compreensão dos usos do verbo grego e seus derivados, principalmente o uso teológico que é, no fundo, o que interessa aqui.

O campo semântico da esperança

A esperança está intimamente ligada à noção de promessa. Porém, a aproximação a esse tema não é tão simples por meio do vocabulário porque não há uniformidade nos usos dos termos que foram traduzidos ao vernáculo pelo termo “promessa”. Em grego, encontra-se o termo *epaggelías*, utilizado sobretudo em textos neotestamentários. Na versão grega do Antigo Testamento, porém, não se encontra um termo específico para traduzir os vocábulos hebraicos derivados da raiz בָּטַח [*bth*], que traz a noção de “verdadeiro, seguro”. O verbo *batah* e seus derivados são usados tanto para falar de algo comum do dia a dia quanto de questões que envolvem Deus e suas falas.

Nesse sentido, os diversos termos que expressam o sentimento de segurança e confiança estão fundamentados no garantidor, ou seja, em quem falou algo. A noção de promessa é mais do lado de quem escuta algo e toma

aquilo por verdadeiro e certo. Daí que falar das promessas de Deus tem a ver com a fé daquele que escutou Deus lhe falar. Em termos linguísticos, aquilo que se encontra na Bíblia como promessa, é, apenas, uma fala de Deus, um dizer. Isso é bem patente na Escritura que coloca já em seu primeiro texto a ação poderosa de Deus pela fala no hino da criação. Ali se usa o verbo אמר [amar] que é traduzido por dizer. Há um verbo correspondente que é דבר [dabar], ou seja, falar. Ambos foram traduzidos ao grego pelo verbo λέγω [lego] traduzido ao vernáculo por “dizer”. Aqui, esperança e promessa se unem à fé.

A fé é, portanto, confiar naquele que lhe falou. Em princípio, sem qualquer certeza ou garantia, a não ser a própria fala. Os termos hebraicos usados para expressar essa confiança derivam da raiz אמן [aman], de onde vem o nosso “amém”! Pode-se dizer que Deus prometeu porque Ele falou, e Deus é confiável e fiel. A versão grega usou o verbo πιστεύω [pisteuō] e seus derivados para traduzir os vocábulos originados da raiz hebraica *aman*. Com isso, temos um leque amplo de termos e noções que se entrelaçam na história do povo de Deus e que são fundamentais para a compreensão da esperança teológica judaica e judaico-cristã, que será chamada posteriormente de messiânica.

A aliança veterotestamentária

A primeira fala de Deus recebida como promessa na Escritura está, também ela, intimamente ligada à “aliança”. O Pentateuco atesta três relatos de alianças. O primeiro deles narra a aliança firmada entre Deus e a criação através de Noé. Assim se encontra em Gn 9,8-10:

⁸Deus disse a Noé e a seus filhos: ⁹ “De minha parte, vou estabelecer minha aliança convosco e com vossa descendência, ¹⁰ com todos os seres vivos que estão convosco, aves, animais domésticos e selvagens, enfim, com todos os animais da terra que convosco saíram da arca” (Bíblia, 2019, Gn 9,8-9, p. 37).

Deus, além de estabelecer uma aliança com toda a criação, dá um sinal a Noé de que um dilúvio não voltaria a ocorrer. E, como a aliança é, em última instância, com toda a criação, o sinal é cósmico: o arco-íris: “Será ele

o responsável por fazer Deus lembrar da aliança que fez com os seres vivos” (Gomes, 2018, p. 459). Desse modo, a primeira grande promessa divina é a de não destruição daquilo que criou e, por isso, a humanidade seguiu seu caminho existencial. Essa primeira aliança é incondicional e unilateral, ou seja, Deus decide fazer aliança e ele estabelece a obrigação para si sem exigir nada em troca (Crüsemann, 2002, p. 405). Perondi afirma que essa aliança é eterna porque não existe nenhuma indicação de que tenha sido revogada (Perondi, 2006, p. 11). Por ser unilateral da parte divina, não há quebra, não há infidelidade. Nessa aliança, encontra-se a base da reflexão atual sobre a ecologia integral (Vatican News, 18/06/2020), pois toda a criação está implicada.

Na sequência, o livro do Gênesis brinda mais dois relatos de aliança, ambos entre Deus e Abrão, nos capítulos 15 e 17. No capítulo 15, o Senhor fala a Abrão e lhe promete uma descendência numerosa e a posse da terra que ele mostrar. O texto começa mencionando a descendência, mas o foco é a posse da terra. Sabe-se disso porque em 15,7 o texto traz: “Eu sou o SENHOR que te fez sair de Ur dos Caldeus, para te dar esta terra em posse” e em 15,18 retoma: “Naquele dia, o SENHOR fez aliança com Abrão, dizendo: ‘A teus descendentes darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o Eufrates [...]’” (Bíblia, 2019, Gn 9,8-9, p. 37). Para Kleine, os elementos centrais dessa aliança são a posse da terra e o compromisso de obediência exclusiva (Kleine, 2006, p. 22).

Nessa aliança, os termos são distintos da estabelecida com Noé. Aqui, a aliança é bilateral² porque é Deus quem diz qual a contrapartida de Abraão e de seus descendentes. Essa aliança se estenderá somente à descendência prometida de Abraão. O sinal, agora, será biológico: a circuncisão (Briend, 1980, p. 53). Os descendentes de Abraão serão todos circuncidados.

⁷Estabeleço minha aliança entre mim e ti e teus descendentes para sempre, uma aliança eterna, para que eu seja Deus para ti e para teus descendentes. ⁸ A terra em que vives como estrangeiro, toda a terra de Canaã, eu a darei como propriedade perpétua a ti e a teus descendentes. Eu serei o Deus deles”. ⁹ Deus disse a Abraão: “De tua parte, guardarás a

² Essa interpretação encontra divergências, como é o caso de Frank Crüsemann para quem, também essa, é unilateral (Cf. Crüsemann, 2002, p. 405).

minha aliança, tu e tua descendência, para sempre. [...] ¹¹ Circuncidareis a carne do prepúcio: esse será o sinal da aliança entre mim e vós (Bíblia, 2019, Gn 17,7-9.11, p. 44).

A terceira aliança encontra-se no livro do Êxodo e Deus a estabelece com Israel através de Moisés. Essa aliança é ainda mais distinta em relação às anteriores. Percebe-se, novamente, que a promessa é basicamente um ato de fala de Deus. Com essa fala, entra em cena outra noção fundamental que é a eleição do povo. A escolha gratuita de Deus.

⁵ Agora, se realmente ouvirdes minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim a porção escolhida entre todos os povos. Na realidade é minha toda a terra, ⁶ mas vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. São essas as palavras que deverás dizer aos israelitas (Bíblia, 2019, Ex 19,5-6, p. 108).

Essa aliança também é bilateral, pois exige fidelidade contínua. Esse povo agora é a *הקלל* [*segullah*] do Senhor, sua propriedade privada (Ló, 2006, p. 29). A aliança é também restrita, sendo voltada para o povo hebreu. Nesta, o sinal será de ordem cultural: a instituição do sacerdócio e a observação do sábado. Esse ponto, no entanto, é discutível, pois os estudiosos não chegam a um consenso. Alguns argumentam que essa aliança é somente a entrega das condições da aliança e, portanto, o que se tem nela é a entrega da Lei. O sinal dessa aliança seria jurídico? Tal proposta não se justifica, embora o texto seja construído com uma linguagem jurídica (Ló, 2006, p. 29). Como o texto que foi canonizado apresenta na redação última uma característica sacerdotal, há quem proponha como sinal a “descendência araonita”. Pelo texto do livro do Êxodo é justo afirmar que a questão está aberta. Para seguir o estudo é necessário ver como a perspectiva cristã vai ajudar a interpretar esse relato, pois o texto do Êxodo continua com o foco no sábado.

⁸ Lembra-te de santificar o dia do sábado. ⁹ Trabalharás durante seis dias e farás todos os trabalhos, ¹⁰ mas o sétimo dia é sábado, † descanso dedicado ao SENHOR teu Deus (Bíblia, 2019, Ex 19,8-9, p. 108).

Essa observância é atestada na sequência, em Ex 20,8-10, e confirmada posteriormente em 31,16: “Os israelitas guardarão pois o sábado, observando-o por todas as gerações como aliança perpétua” (Bíblia, 2019, Ex 31,16, p. 124).

Esse povo, que se ligou ao seu Deus em resposta à iniciativa divina de fazer aliança com ele, quebrará esse pacto algumas vezes e, por isso, encontram-se relatos de renovação dessa aliança. A primeira quebra da aliança e consequente renovação é atestada ainda no livro do Êxodo, quando o povo pede a Aarão que fabrique um deus para eles porque não sabiam o que tinha acontecido com Moisés. Aarão lhes diz: “Tirai os brincos de vossas mulheres, de vossos filhos e de vossas filhas e trazei-os a mim” (Bíblia, 2019, Ex 32,2, p. 124). O povo assim o faz e na sequência o texto informa:

4 Recebendo o ouro, preparou um molde com o cinzel e fez um bezerro fundido. Então disseram: “Aí tens, Israel, os teus deuses que te fizeram sair do Egito!” 5 Ao ver isto, Aarão construiu um altar diante do bezerro e proclamou: “Amanhã haverá festa em honra do SENHOR”. 6 Levantando-se na manhã seguinte, ofereceram holocaustos e apresentaram sacrifícios de comunhão. O povo sentou-se para comer e beber, e depois levantou-se para se divertir (Bíblia, 2019, Ex 32,4-6, p. 124).

Após esse evento, Deus manda Moisés descer da montanha porque o povo havia se corrompido. Todo o capítulo 34 de Êxodo é a narração da retomada da aliança com exigências bem detalhadas da parte de Deus. Na essência, a aliança ainda contempla, da parte do povo, a fidelidade ao seu Senhor e Deus.

A chamada aliança de Siquém, em Josué 24, é outra renovação. No entanto, ela é narrada de modo diferente da anterior. Nela, não aparece a fala direta de Deus a um personagem. Ali, como na renovação de Ex 34, há um detalhamento das cláusulas do pacto que agora são colocadas por escrito, como foram escritas na pedra por Deus no livro do Êxodo.

No período da monarquia, atesta-se a promessa divina de um descendente de Davi que reinaria sobre o trono de Israel (1Rs 9,5). Quando o povo de Israel, por sua infidelidade, conforme a leitura deuteronomista, foi parar no exílio depois de perder sua autonomia política e ter seu reino destruído e os descendentes de Davi serem levados ao exílio, perdeu também seu centro religioso com a destruição do templo (Lamadrid, 2000). Assim, o povo passou a viver da esperança de que Deus restauraria Israel por meio de seu ungido, como havia prometido. Por isso, a perspectiva messiânica mais

desenvolvida é a da realeza. O povo, na antiga aliança, esperava um messias real.

É também desse período que vem o testemunho de Jeremias sobre uma nova aliança. No caso do profeta, percebe-se claramente a vinculação com a aliança do Sinai pela referência à lei escrita em pedra. Como visto acima, as falas de Deus são promessa. Então, Deus promete, para um tempo indeterminado que fará com o povo, aqui distinguido entre Israel e Judá, uma nova aliança: “Um dia chegará – oráculo do SENHOR –, quando hei de fazer uma nova aliança com a casa de Israel e a casa de Judá” (Bíblia, 2019, Jr 31,31, p. 1128)³.

Então, há uma promessa de uma aliança nova que não se trata de uma simples renovação da aliança antes estabelecida com o povo e tantas vezes quebrada pela infidelidade. Será uma simples substituição da antiga aliança e de suas regras? Se é nova, necessitará um fundamento novo. A nova lei será gravada no coração e não mais na pedra, como em Ex19, e eu serei o Deus deles, e eles, o meu povo (Jr 31,33). Com isso, sabe-se que a Lei inscrita no coração tem por foco o povo em sua condição de povo de Deus e o conhecimento do povo em relação ao seu Deus.

Pelo texto, o que permanece claramente é o povo. Deus fará com o mesmo povo uma nova aliança; essa é sua promessa. O sinal dessa nova aliança parece ser o conhecimento direto de Deus. A promessa de uma aliança nova é associada à promessa do descendente de Davi que reinaria sobre o povo. Daí se desenvolve a esperança messiânica, que é a base dos escritos do Novo Testamento em diferentes matizes. Aqui, há uma mudança de perspectiva, pois a aliança vai ser o objeto da promessa e não o seu fundamento.

A aliança neotestamentária

O povo de Israel viveu seu caminho com Deus alternando entre fidelidade e infidelidade. Mas, ele tinha uma esperança alicerçada nas promessas e nos pactos estabelecidos entre ele e o Deus que se revelou a ele.

³ Na versão da Septuaginta (LXT), o texto correspondente encontra-se em Jr 38,31.

Por isso, esperava que a seu tempo, Deus perdoaria suas infidelidades e enviaria seu messias para restaurá-lo. Ou seja, o povo esperava pela promessa de uma nova aliança, conforme o anúncio de Jeremias. A cada momento de sujeição do povo a outros povos, a esperança no messias redentor, salvador se renovava (Mowinckel, 1975, p. 171). O povo viveu assim, durante muito tempo.

No entanto, o caminho do povo de Deus assume novos parâmetros no Novo Testamento porque ali se narra a experiência da presença do Messias, o que torna a esperança momentaneamente “desnecessária”, pois o objeto da espera chegou. Por isso, como visto antes, o substantivo para designar a esperança não é usado nos Evangelhos. Os evangelistas narram o cumprimento da promessa divina do envio de seu ungido.

Para que isso faça sentido, é necessário em mente a comparação feita em Hebreus entre a aliança antiga e a nova aliança. Ali, fica clara qual a interpretação da Igreja primitiva sobre o sinal da aliança de Ex 19: a descendência aaraonita. Pode-se afirmar isso porque o autor de Hebreus apresenta Jesus Cristo como o único sacerdote “levado à perfeição” e que não pertence à linhagem de Aarão. Nesse ponto, une-se a nova aliança de Jeremias 31,31-34 com a de Hebreus. Aliás, o autor de Hebreus retoma claramente o texto de Jeremias e afirma que, com essa nova aliança, não haverá espaço para a infidelidade porque ela será inscrita nos corações e nas mentes: “porei minhas leis em sua mente e as gravarei no seu coração, e serei o seu Deus, e eles serão o meu povo (Bíblia, 2019, Hb 8,10, p. 1645).

Hebreus faz a relação entre perdão dos pecados e aliança, algo inexistente na aliança do Sinai. Isso é compreensível porque não se pode falar em transgressão enquanto não havia o pacto e suas cláusulas. Agora, para o estabelecimento da nova aliança, é necessário o perdão dos pecados (cf. Hb 8,12). O autor diz ainda: “[...] ele é mediador de uma nova aliança. Pela sua morte, ele redimiu as transgressões cometidas no decorrer da primeira aliança. Assim, aqueles que são chamados recebem a herança eterna prometida” (Bíblia, 2019, Hb 9,15, p. 1646). O autor de Hebreus apresenta a

nova aliança a partir de dois aspectos fundamentais: a morte para o resgate das transgressões sob a primeira aliança e a imagem da herança.

Com isso, tem-se o fundamento da nova aliança: o sacrifício perfeito de Cristo que o torna ao mesmo tempo o mediador e o garantidor dessa nova aliança (Vanhoye, 1980, p. 54). O aspecto da herança liga mais uma vez a nova aliança com a aliança “mosaica” pela referência à terra como lugar de repouso (cf. 3,15–4,11). A releitura de Hebreus faz da posse da terra algo provisório, como tudo que estava relacionado com a antiga aliança e suas promessas. O autor de Hebreus afirma: “Se Josué lhes tivesse proporcionado esse repouso, não sealaria mais de outro dia” (Bíblia, 2019, Hb 4,8, p. 1642). A terra prometida a Abraão e à sua descendência, considerada como lugar de repouso (Dt 3,20; 12,9-10;25,19) (Lamadrid, 2000)⁴ é imagem, sombra da realidade que é o repouso em Deus.

O fundamento da nova aliança evoca ainda o seu sinal, conforme indicado por Jeremias: o conhecimento direto de Deus. Em Cristo Jesus, Deus se deu a conhecer diretamente, Deus se deixou ver e tocar (Jo 14,9).

Há ainda um texto essencial para este estudo, 1Pd 1, pois ali se encontra a reflexão da esperança cristã em termos muito próximos da releitura de Hebreus. Nesse capítulo, estão atestados os principais termos apresentados no início, *elpís* (esperança - 1Pd 1,3.21) e *elpizō* (esperar - 1Pd 1,13); os vocábulos da fé: *pistis* (fé - 1Pd 1,5.7.9.21) / *pistós* (fiel, o que crer - 1Pd 1,21) e *pisteuō* (crer - 1Pd 1,8).

Relacionados à releitura de Hebreus há muitos termos relevantes que se referem à condição do cristão como estrangeiro nesse mundo, ou seja, sem ter chegado ao repouso. O capítulo traz dois vocábulos: *παρεπίδημος* [*parepidēmos*] (Hb 11,13; 1Pd 1,1;2,11) e *παροιμία* [*paroiqia*] (1Pd 1,17), que significam migrante, estrangeiro; e, intimamente ligado a eles, o termo *κληρονομία* [*klēronomia*] (1Pd 1,4; Hb 9,15), que significa herança, remetendo à terra dada como herança ao povo e compreendida como lugar do repouso. Há ainda o termo *ἐκλεκτός* [*eklektos*] (1Pd 1,1), que significa “eleito, escolhido”. Com esse termo, retoma-se a noção de eleição, que está

⁴ Essa imagem vai ser retomada amplamente na historiografia deuteronomista.

na base da aliança e razão da esperança. Deus escolhe um povo e se liga incondicionalmente a ele.

O mais essencial aqui é que tanto a antiga quanto a nova aliança foram firmadas com o povo de Deus, historicamente identificado com Israel e Judá. No entanto, “povo de Deus”, é aqui uma categoria teológica. A profecia de Jeremias revela que o povo da nova aliança não é outro povo, é o mesmo constituído de forma mais ampla porque não fica restrito à geração biológica. O povo é renovado, constituído de outra forma, mas não simplesmente substituído. Pode-se afirmar isso recorrendo novamente à profecia de Jeremias, pois em 31,27 atesta:

Διὰ τοῦτο ἰδοὺ ἡμέραι ἔρχονται φησὶν κύριος
καὶ **σπερῶ** τὸν Ἰσραηλ καὶ τὸν Ἰουδαὶν σπέρμα ἀνθρώπου καὶ σπέρμα κτήνους

“Um dia virá – oráculo do SENHOR –, sementearei a Israel e a Judá com semente de homens e semente de animais.

הנה ימים באים באים נאמ'יהוה
וזרעתי את־בית ישראל ואת־בית יהודה זרע אדם וזרע בהמה:

“Um dia virá – oráculo do SENHOR –, sementearei a casa de Israel e a casa de Judá com semente de homens e semente de animais.

Tanto a versão da LXX quanto o texto hebraico da Tanak são muito semelhantes. A LXX optou pelo verbo *speirō* para traduzir o hebraico *zr'*, que significa “semear”. Algumas traduções trazem “sementeira”. Essa sementeira será feita com a casa de Israel e com a casa de Judá. No texto grego, não aparece a tradução para o termo *beit* [casa], que, nesse ponto, pode ser importante para a noção de descendência presente no termo semente.

A língua grega tem dois termos para semente que são σπέρμα [*sperma*] e σπόρος [*sporos*], ambos traduzem o hebraico *zr'*. O termo *sperma* é mais usado e tem dois sentidos: o próprio de semente de fruto e o figurado de descendência. Assim, ao dizer que fará uma sementeira ou uma sementeira de

Israel e Judá, o profeta marca a unidade desse povo, que, embora separado, continua sendo um único povo. Mas, o profeta vai além e diz que será com semente de humano e de animais. Com isso, a nova aliança retoma, de algum modo, a aliança celebrada com a criação através de Noé. Assim sendo, através de Israel, o Senhor estabelece uma aliança nova com a criação.

Ao retomar essa aliança, percebe-se que o alcance da nova aliança é muito mais amplo: parte de Israel, mas chega à toda a humanidade. Com isso, pode-se entender que o “novo povo” da nova aliança não seria simplesmente a substituição do povo de Israel pelos cristãos, mas sim um povo constituído por todos os descendentes de Adão.

Mas, isso ainda não é tudo. Segundo o texto de Jeremias, a nova aliança comporta a semeadura também com a semente de animais. Nesse sentido, a preocupação com a ecologia integral está fundada na consciência de que, desde sempre, Deus pensou o ser humano como parte harmoniosa da criação. Por isso, o Papa Francisco, na *Laudato Sí*, retomou uma afirmação de Bento XVI que ilumina essa questão: “o homem não é apenas uma liberdade que se cria por si própria. O homem não se cria a si mesmo. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza” (Bento XVI *apud* Francisco, 2015, LS n. 6).

No entanto, os conceitos de natureza e de meio ambiente são estranhos aos povos originários, o que não significa que não haja pontos de contato. Davi Kopenawa recorda que a ideia de “meio ambiente” é completamente estranha à mentalidade indígena porque coloca uma cisão no mundo (Kopenawa; Albert, 2022). Em nossa linguagem, isso coloca uma cisão na criação. Foi essa cisão que fez os humanos pensarem que poderiam destruir o cosmos sem se destruírem junto. Os humanos agem como uma doença autoimune que se destrói ao destruir as florestas e tudo que consideram distinto de si, esquecendo que também são natureza.

Considerações finais

O itinerário do povo das alianças acabou? Não. Após a ressurreição de Jesus e sua ascensão, os cristãos voltam a viver na esperança do cumprimento da promessa do retorno de Jesus em sua glória. Por isso, também o

vocabulário da esperança se torna abundante no epistolário neotestamentário. Somos esse povo da nova aliança que vive na e da esperança.

Esse povo de Deus, constituído de forma ampliada na nova aliança, tem por fundamento e sinal o Cristo Jesus e a consciência de que a nova aliança é uma retomada da primeira que Deus fez com sua criação através de Noé e ratificada pelo próprio Filho de Deus e senhor da criação, pois “tudo foi feito por Ele e para Ele” (Bíblia, 2019, Cl 1,16, p. 1611). Voltar à teologia da criação é compreender que Deus criou tudo e no tudo está incluído o ser humano, não como algo à parte que possa ser separado. O ser humano é intrinsecamente natureza, criação, assim como todo o resto que se conhece.

Na *Laudato Sí* o Papa Francisco retoma o paradigma da criação e o faz ao retomar o exemplo de São Francisco, de quem adotou o nome ao assumir a diocese de Roma, e expressar o modo como o santo percebia e reconhecia o que hoje se chama de “natureza” e “meio ambiente”. Sem dizer claramente que o humano era natureza, já que era de outra época, São Francisco demonstrava essa compreensão ao chamar qualquer elemento da criação “irmão, irmã” (Francisco, 2015, LS n. 11). Essa forma de ver a criação é bem próxima da compreensão dos povos originários, expressa por Davi Kopenawa.

Referências

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. 2a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

BIBLEWORKS, L. *BibleWorks*. Norfolk: Bible Works, 2006.

BRIEND, Jacques. *El Pentateuco*. 3. ed. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1980 (Cuadernos Biblicos, 13).

CRÜSEMANN, Frank. *A torá: teología e história social da lei do Antigo Testamento*. trad. Haroldo Reimer. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Sí: sobre o cuidado da casa comum*. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#_ftn12. Consultado em 28/09/2024.

GOMES, Rita Maria. A violência surgida no seio da criação e a necessária recriação (Gn 6,5-9,17). *Estudos Bíblicos*, v. 35, n. 140, p. 451-463, dez. 2018.

KLEINE, Michel. Aliança com a Abraão. *Estudos Bíblicos*, v. 24, n. 90, p. 20-26, 2006.

KOPENAWA, Davi. ALTBERT, Bruce. *O espírito da floresta: a luta pelo nosso futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAMADRID, Antonio González. História deuteronomista. In: SÁNCHEZ CARO, José Manuel (ed.). *História, Narrativa, Apocalíptica*. Navarra: Verbo Divino, 2000, p. 17-226.

LÓ, Rita de Cácia. Aliança no Êxodo. *Estudos Bíblicos*, v. 24, n. 90, p. 27-34, 2006.

MAYER, Bernhard. ἐλπίς. In: BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996. v. I, col. 1336-1347.

MOWINCKEL, Sigmund. *El que ha de venir: Mesianismo y Mesías*. Madrid: Fax, 1975.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum graece*. 28 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PERONDI, Ildo. A aliança com toda a criação. *Estudos Bíblicos*, v. 24, n. 90, p. 11-19, 2006.

RAHLFS, Alfred (Ed.). *Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

SIQUEIRA, Tércio Machado. A Esperança Messiânica. [s. d.]. *Universidade Metodista de São Paulo*. Disponível em: <https://metodista.br/faculdade-de-teologia/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/a-esperanca-messianica>. Acesso em: 30 jun. 2024.

VANHOYE, Albert. *El mensaje de la carta a los hebreos*. 2. ed. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1980 (Cuadernos Bíblicos, 19).

VATICANO, ecologia integral. A Criação é responsabilidade de todos. *Vatican News* do dia 18 de junho de 2020. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-06/ecologia-integral-documento-laudato-si.html>. Acesso em 22 de novembro de 2024.

Trabalho submetido em 29/09/2024.

Aceito em 22/11/2024.

Rita Maria Gomes

Doutora pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), com período sanduíche na Université Catholique de Louvain, na Bélgica, sob a orientação do prof. Dr. Geert van Oyen. Mestra em Teologia bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e graduada em Teologia na mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9464-8091>. E-mail: ritamarianj@gmail.com